

Moacyr Scliar, literatura e humanismo

Wremyr Scliar

Moacyr Scliar produziu sua obra literária, compreendendo cerca de 80 livros, incluindo romances, coletâneas de contos, crônicas, artigos, como produto de um humanismo, no sentido de uma teoria política, cujas raízes remontam aos textos bíblicos, perpassam o Renascimento e os enciclopedistas até atingirem os movimentos e as ideias sociais e econômicas do socialismo do século XIX.

Na sua obra, é identificável como uma marca pessoal (e até familiar) essa senda humanista, presente em cada uma das suas obras, em algumas com clareza e finalidade própria, em outras, como um pano de fundo, aparentemente obscurecida, mas que irá se revelar no conjunto da sua obra. A identificação das raízes humanistas de Moacyr Scliar se realiza com um conjunto de identidades, que se conformarão organicamente, que já nascem com força e delineadas. É a sua vertente familiar, depois a sua adolescência e os primeiros passos na literatura e, por fim, já como médico sanitário e atuação constante nas atividades estatais, a sua plena maturidade como escritor universal. Moacyr Scliar é filho de imigrantes. Seus pais vieram da Bessarábia, então região da Romênia e parte do império czarista (atualmente República da Moldávia). Essas pequenas aldeias se chamavam Tulchin e Tomaschpol, a oeste do rio Dienpr. As aldeias eram denominadas de *shtetl*, na Europa oriental, onde viviam milhões de judeus submetidos a condições humilhantes, sem poderem exercer profissões liberais, ocupar cargos públicos, possuir terras, confinados legalmente em regiões extremamente pobres. As escolas eram religiosas, a língua, o dialeto iídiche, e um círculo fechado raramente propiciavam contatos com a sociedade exterior.

Seus avôs (exceto o avô paterno, que já havia falecido) resolveram imigrar, com o apoio da JCA (Jewish Colonization Association), em 1914 e 1920. José, o pai de Moacyr, chegou ao Brasil com sete anos, a mãe viúva, com mais 11 irmãos, alguns já casados e com filhos. A mãe de Moacyr, Sara, que depois se tornaria professora, seus pais e irmãos foram levados para Quatro Irmãos, no interior do Rio Grande do Sul, mas em seguida se mudaram para Porto Alegre.

A atividade na colônia (havia outra em Santa Maria) era essencialmente agrícola, para a qual os imigrantes, escassamente assistidos, não tinham nenhuma experiência. As revoluções intestinas (1923) dizimaram as colônias, e a atração pela vida urbana, bem como o objetivo de dotar seus filhos de ensino e conhecimentos, foi a principal causa desse novo êxodo, especialmente para Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas. Os parentes de Moacyr seguiram esse mesmo caminho.

A avó paterna de Moacyr era irmã de seu avô materno, portanto, os pais de Moacyr eram primos. Ana, a mãe de José, o pai de Moacyr, conseguiu uma pequena casa situada na rua Voluntários da Pátria, à margem do rio Guaíba. Nessa pequena casa, Ana, então com nove filhos, acolhia os judeus que viriam depois; eles já chegavam a Porto Alegre com esse

endereço de Ana e tinham uma referência segura em um país em que tudo lhes soava tão estranho. Procuravam Ana para informar-se sobre a cidade, trabalho, moradia. Não raro, ficavam hospedados nessa casa (os filhos cediam as camas) até encontrarem uma moradia. Nesse ambiente nasceram as entidades comunitárias assistenciais, uma cooperativa e, sobretudo, um local de fraternidade e apoio entre os imigrantes.

Ao se mudarem para o bairro Bom Fim, entre a aristocrática avenida Independência e o campo da Redenção, os judeus mantiveram a herança acumulada durante muitas gerações na Europa oriental, nas suas pequenas e suspiradas *shtetl*: mantiveram uma forte relação, cuja principal característica era o apoio recíproco face às dificuldades, uma nova vida em um país e sociedade tão diferentes daqueles de onde tinham saído. A ajuda recíproca era constante. Doenças, desemprego, brigas familiares, pequenos negócios eram sempre assuntos daquela comunidade.

A avó materna do Moacyr, Edith, chamada por todos de *bobe* (“avó”, em iídiche), percorria as casas em que moravam os judeus no bairro Bom Fim, sempre com uma palavra ou um conselho para os problemas dos parentes e vizinhos. As duas avós de Moacyr, cada uma de maneira própria, foram figuras marcantes na comunidade judaica, solidárias e fraternas. Reuniam-se nas calçadas, nas noites quentes e nas salas, quando o inverno sopra seus ventos frios. Ali conversavam, contavam histórias, noite após noite. As casas eram pobres, apertavam-se os moradores em pequenos cômodos. Nas salas tomavam chá feito em samovar (um aparelho russo) e nas calçadas já adotavam o chimarrão.

Os pais do Moacyr eram exímios contadores de histórias. A mãe, professora primária, passara um período na própria colônia alfabetizando os filhos dos imigrantes tanto em português como em iídiche. Por essa razão, as cartas que chegavam da Europa ou da então Palestina, escritas no dialeto, eram levadas a ela para serem lidas. A leitura era feita em voz alta. Parentes, amigos e vizinhos escutavam suas leituras que narravam os horrores da Segunda Guerra, as dificuldades na terra prometida, as doenças, as mortes. Sara lia compassadamente, às vezes provocava suspiros, mãos que se esfregavam; em outros momentos, alguns sorrisos, risos contidos. Muito tempo depois, vi a professora Sara confidenciando a uma amiga íntima que suprimia algumas partes das leituras, aquelas mais dolorosas, e criava verbalmente novos textos.

A família de Moacyr Scliar, seus pais, avós, tios e primos reuniam-se frequentemente. Henrique, o pai do pintor Carlos Scliar, já era anarquista; outros tios eram socialistas. Nas suas casas não faltavam livros. Liam-se Jorge Amado, Reclus, Graciliano Ramos, Tchecov, Romain Rolland, Roger Martin du Gard. Nas paredes, reproduções da pomba da paz de Picasso, gravuras de Vasco Prado, Portinari.

Discutiam sobre a Segunda Guerra, depois a criação do Estado de Israel, o getulismo, a Guerra Fria, os filmes do Neorrealismo italiano, teatro. O ambiente estava sempre em efervescência. As discussões seguiam noites adentro, ora acaloradas, ora cheias de risadas. Isso tudo refletia a nostalgia mal escondida daquilo que ficara para trás e agora plenamente revelado no pós-guerra: fora totalmente aniquilado pelo nazismo. Reuniam-se para ouvir poesias, cantores, instrumentistas e até corais – isso nas próprias casas.

Em uma determinada época, pelos anos de 1950, Henrique liderou a criação de uma entidade civil, denominada Clube de Cultura, cujo auditório tem o seu nome. Nele debatiam-se os assuntos culturais, preservava-se a cultura íídiche, a sinfonia apresentava-se com frequência regular, e os fatos históricos mais importantes eram assinalados nas suas noitadas.

Na família, havia ainda outra particularidade: Carlos, primo do Moacyr, tinha sido expedicionário na Segunda Guerra e, após seu retorno, voltou à Europa para cursar o Belas-Artes de Paris. Depois, percorreu praticamente todo o continente, após conviver no mesmo hotel Saint Michel com Jorge e Zélia e visitarem Chagall. Quando concluiu seu curso, teve contato em festivais com Picasso, desenvolvendo uma intensa atividade política.

Salomão, irmão do Carlos, era fotógrafo e cineasta. Com Josué Guimarães e um grupo técnico importante, realizaram o longa *Vento Norte*, o primeiro filme importante feito em solo gaúcho.

Esther era compositora, musicóloga e foi ser professora acadêmica no Rio e em Petrópolis. Reconhecida na história musical do país, integrante do acervo gravado pelo Ministério da Educação, muitos compositores e músicos passaram por suas aulas e ainda são recordados pelos seus ensinamentos teóricos.

Nesse contexto, Moacyr, que frequentava essas reuniões familiares, de vizinhos e amigos, logo assimilou que havia uma herança que não poderia ser desperdiçada e, menos ainda, perdida. Houve, certamente, um incentivo da sua mãe, com a facilidade nata de professora. Mas seu pai, um pequeno comerciante, demonstrava diariamente ao filho a importância de uma vida dedicada ao trabalho e à disciplina. Jamais viu seu pai esbanjar dinheiro, mas também sempre o estimulou aos estudos, à compra de livros, à leitura constante. Quando o escritor dava seus primeiros sinais, José via concretizar-se o que não pudera fazer – apenas alfabetizado, teria um filho escritor e ao mesmo tempo médico.

As raízes do seu humanismo são familiares, certamente; mas há um contexto mais amplo que o faz adotar a literatura como a expressão dessa vertente. Sua mãe foi influente e decidida. Comprava para o Moacyr, na antiga Livraria do Globo, os livros de Monteiro Lobato, Viriato Correa, Jorge Amado, A. J. Cronin, Mark Twain, Charles Dickens e, claro, os clássicos franceses e russos. Voltavam de bonde, os braços carregados com os pacotes de livros, adquiridos com as economias da professora Sara, que dispensava confortos, mas não deixava de suprir sempre as prateleiras com livros, muitos livros.

Quando percebeu que Moacyr possuía vocação, levou o filho pela mão e um conto dele na outra até a casa de Erico Verissimo. Entraram naquele bairro de classe média alta, certamente temerosos da reação do grande escritor, intimidados pelo casario e pelo silêncio do bairro. Sara tocou a campainha, o próprio Erico abriu a porta. Ela lhe deu o manuscrito e disse que aguardaria ali mesmo a leitura. Momentos depois, Erico retornou, devolveu o texto e recomendou que Moacyr lesse muito e escrevesse sempre. Ao retornarem para casa, Moacyr notou que entregaram um original sem uma das folhas...

Durante um ano inteiro, a professora determinara que Moacyr e seu irmão escrevessem uma redação por dia. Algumas vezes indicava o tema: minha professora, o pôr do sol no Guaíba, um dia de domingo; outras vezes, deixava o tema livre. Ao final da tarde, lápis em punho e em riste, a mãe lia as redações fazendo as devidas correções. Quando o fim de ano se aproximava, Moacyr pediu uma folga (mãe, férias...). Dona Sara não permitiu folga e argumentou que nas férias não tinham nada para fazer, portanto seriam duas redações diárias. Naquele mês de janeiro, Moacyr produziu sessenta redações em... latim! Seus primeiros contos e romances iniciais refletem perfeitamente essa herança. *O exército de um homem só*¹ seria a crônica dessa primeira experiência.

O enriquecimento dessa experiência ainda ocorreria no âmbito familiar. Seu tio Henrique possuía uma chácara, onde seus visitantes e hóspedes eram Jorge Amado e Zélia Gattai, Samuel Wainer, Pablo Neruda e muitos outros. Moacyr os ouvia com pleno interesse. Zélia, nas suas memórias, inclusive, recorda o garoto atento que um dia seria escritor consagrado.

A adolescência de Moacyr, após ter sido aluno da mãe na escola judaica comunitária, curiosamente, seguiu em um colégio católico rígido: Rosário, onde cursou o ginásio. A disciplina escolar criou-lhe hábitos que seguiram para sempre: trabalho incessante e dedicação em tudo que fazia. Do Colégio Rosário saiu com todas as condecorações possíveis, como aluno exemplar, recordado até hoje.

Sua ida a uma escola pública como o Júlio de Castilhos completou sua formação secundária. Já então escrevia, tinha ganhado três prêmios. O primeiro com uma crônica intitulada “Carta a meu pai”, vencedora de um prêmio patrocinado pela *Folha da Tarde*, instituindo o dia dos pais. Ganhou um par de sapatos, que estava numa caixa de liquidação. Quando trocou o par por outro que lhe servia, teve que pagar a diferença (“o primeiro escritor a pagar por um prêmio literário”, diria Moacyr, bem-humorado).

O segundo prêmio foi em um concurso no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Segundo o jornalista Flávio Tavares, a banca não teve dificuldades em atribuir-lhe a nota máxima. Logo após, Moacyr ganhou o prêmio internacional de contos patrocinado pela União Internacional de Estudantes, com sede em Praga.

Ao optar pelo curso de Medicina, Moacyr foi coerente com as suas raízes: além de escrever, necessitava fazer algo pelos outros. E a saúde foi seu segundo caminho. Nas longas jornadas das enfermarias da Santa Casa ou no Sanatório Partenon, nasceu *Histórias de um médico em formação*, sua profunda dedicação ao doente e ao seu sofrimento.

Quando se formou e foi orador da turma, parafraseou Ferreira Gullar: quatro morrem por minuto na América Latina. O diretor da faculdade, em plena cerimônia, ficou irritado e indagou de Moacyr, completamente fora do protocolo e do alto de sua arrogância: onde está essa Canã prometida?

Moacyr iria lhe responder com uma vida dedicada à saúde pública e à literatura. Optou por carreira pública, exerceu a saúde pública, coordenou importantes projetos que

conseguiram resultados positivos, importantes na sua área. Mais tarde, passou a escrever rotineiramente sobre saúde, fez especialização em Israel e doutorado no Rio.

Nessa senda, dedicou-se a estudar e publicou duas importantes biografias: a de Oswaldo Cruz e a de Noel Nutels. O exercício do magistério da Medicina foi outro complemento da sua face profissional de médico, inteiramente equilibrada com a de escritor.

Ao vivenciar as crises políticas brasileiras (renúncia de Jânio Quadros, o movimento pela posse de João Goulart), os anos difíceis do ocaso democrático, Moacyr tornou-se definitivamente um humanista. Suas raízes familiares iriam agora se ampliar duplamente, na profissão de médico estatal e escritor, buscando fontes inspirativas nos textos bíblicos, dos quais extrai sua ética profissional e a sua criatividade.

Não lhe são estranhos os clássicos gregos e latinos. Citava constantemente Hipócrates, Ovídio e Lucrécio, certamente aprendidos no curso ginásial. Outras leituras não lhe faltaram: Spinoza, Freud, Marx, Borochoy, Sholem Aleichem, Singer, Bellow e Philip Roth.

Vinculado ao movimento sionista juvenil, Moacyr engajou-se em uma corrente socialista, adepta do *kibutz* e do regime socialista para o nascente Estado de Israel. Quando o governo de Israel passou a ter atitudes consideradas radicais, como o ataque ao navio com ajuda humanitária para a faixa de Gaza, Moacyr escreveu, parafraseou Shakespeare: “mais do que um crime, um erro”. O reconhecimento do erro de parte do governo demonstrou que estava correto. Mantinha-se em uma atitude crítica constante e afirmava sua independência.

Convidado para uma cerimônia, em Brasília, em que o homenageado era um palestino, subiu ao palco e cumprimentou-o. Foi chamado de “brimo”, e nessa linha concordava inteiramente com escritores e intelectuais israelenses que defendiam a bandeira de “Paz agora”. Afinal, o escritor era filho de imigrantes que desde criança ouvira sobre os sofrimentos do seu povo.

Vencedor de quatro prêmios Jabuti (o mais cobiçado e valorizado prêmio literário brasileiro), detentor do Prêmio Casa de las Américas, de Havana, incluído em uma lista universal entre os maiores escritores judeus de todos os tempos, condecorado pelos governos do Rio Grande do Sul e de outros Estados, quando eleito para a Academia Brasileira de Letras, Moacyr foi convidado pelo então presidente Lula para uma audiência privada, quando seria cumprimentado.

Foi com nítida emoção que narrou em público esse episódio: o filho de imigrantes fora homenageado pelo Estado. Seu depoimento público ressalva ainda o fato de que fora convidado pelo torneiro-mecânico que se tornara presidente da república.

A posse na Academia Brasileira de Letras foi apenas a consequência natural de uma carreira dedicada a uma dupla face: médico sanitário e escritor. Eleito sem votos contrários, dedicou-se à Academia, com novos projetos. Fosse na Academia, na Universidade de Brown, nas pequenas feiras de livro do interior ou escolas primárias,

Moacyr nunca se recusou a estar junto com seu público, estudantes, jovens ou crianças. Seus leitores incluíam desde os imigrantes que recordavam nas suas linhas aquelas histórias que escrevia com tanta emoção até seu público universal, em quase duas dezenas de línguas.

Quando procurado por jovens escritores, jamais recusava uma opinião, uma palavra de alento. Em pequenos encontros, com pessoas simples, demonstrava o mesmo interesse que possuía nos encontros acadêmicos ou com outros escritores já consagrados.

Quando atingiu a maturidade, Moacyr recusou-se inteiramente a qualquer filiação partidária. Apoiava o Estado de Israel, mas não afirmava seu antigo sionismo da juventude. Apoiava a política do governo popular no Brasil, a democracia americana nas suas melhores manifestações, mas não firmava manifestos nem documentos políticos. Entendia Moacyr que seu primeiro compromisso era com os leitores, aficionados da literatura, com os quais tinha um diálogo permanente. Se eventualmente adotasse uma postura partidária, estaria rompendo esse compromisso, que era essencialmente ético, crítico, aberto e independente.

Seus princípios e valores foram sendo paulatinamente adquiridos, os primeiros no contato familiar. Corno judeu e filho de imigrantes, Moacyr Scliar tinha plena consciência do papel da ambiguidade judaica. Adotar uma nova pátria era a principal tarefa, adaptar-se aos costumes e à história da nova terra, mas também tinha consciência política de uma história passada que jamais poderia ser desprezada.

Talvez, como tenha o lido tantas vezes, Kafka o tenha inspirado tanto. Não tanto pela literatura, seu estilo, mas o Kafka tcheco que escrevia em alemão e convivía com muitos intelectuais da Alemanha, que tinha um problema típico de identidade entre os judeus, rotineiramente expulsos dos seus países, permanentemente em êxodo.

Da família, Moacyr traz suas primeiras raízes humanistas, perpassadas por valores éticos de solidariedade e fraternidade. Desde logo percebeu que o judeu era um ser universal, mas que vivia em aldeias ou pequenas comunidades. Isso o tornava, como disse certa vez, nem melhor, nem pior, apenas diferente, habitante dos poros da sociedade. Agora, após tantas tragédias, era necessário ingressar no corpo da sociedade, ser útil, participar, influir e ser influído. Por que não? A medicina foi-lhe, junto com a literatura, o instrumento de “ingresso” na sociedade.

Ao ler e reler a Bíblia, que considerava uma verdadeira fonte inspirativa, tanto no Velho como no Novo Testamento, Moacyr buscava, no primeiro, as lições de justiça e fraternidade de Isaías, Jeremias e outros profetas. No Novo Livro, encontraria lições de doação e espírito de perdão. Conseguiu, como poucos, assimilar duas filosofias que pareciam contraditórias.

Da Antiguidade clássica, Moacyr buscara a compreensão do homem e do universo. Lera os clássicos, assimilara os seus ensinamentos e os utilizou como norteadores éticos para sempre.

Da Renascença, inspirou-se no realismo político, na racionalidade e na defenestração dos preconceitos e dos dogmas, especialmente os religiosos. O papel da ciência, da cura das doenças e a experimentação foram para Moacyr a dádiva renascentista que tanto admirava, notadamente as ideias de que o homem era o centro do universo. Contudo a Revolução Francesa e seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o nascimento do cidadão e o início da democracia e república modernas aportaram para Moacyr o legado mais importante da sua formação política: o arraigamento de que as utopias conduzem o homem, senão a resultados perfeitos, a resultados melhores. Nesse sentido, jamais conviveu com a desigualdade e a opressão.

Conseguiu Moacyr Scliar, desde seu ambiente familiar, concretizar na atividade a ebulição das discussões políticas que ouvia constantemente. Seu personagem central é nitidamente reconstituído dos encontros nas calçadas ou nas salas modestas das casas dos seus tios e vizinhos. Os sofás estavam rasgados, as paredes careciam de pintura, havia goteiras, e as peças eram exíguas, mas ostentavam bibliotecas, cujos livros eram emprestados e não poucas vezes discutidos. Nas paredes, quadros jamais faltaram, mesmo que fossem simples cópias. Do judaísmo, Moacyr buscou inspiração para *A orelha de Van Gogh*² e *Max e os felinos*.³ Das suas leituras bíblicas, na realidade, releituras bíblicas, Moacyr legou *A mulher que escreveu a bíblia*⁴ e *Manual da paixão solitária*,⁵ além de *Os vendilhões do templo*.⁶ Da sua medicina sanitária, publicou *Sonhos tropicais*⁷ e *A majestade do Xingu*,⁸ como homenagem aos heroicos tempos do início da medicina pública no país. Das suas vivendas políticas, dos fatos que acompanhou, escreveu *Eu vos abraço, milhões*,⁹ assim como *Mês de cães danados*¹⁰ e *Vozes do golpe – Mãe Judia, 1964*.¹¹ Com certo sentido de depoimento, escreveu *O Texto, ou: a Vida*,¹² no qual relata alguns dos fatos mais marcantes na carreira.

Analisado por vários críticos em *Moacyr Scliar, a escrita de um homem só*,¹³ no primeiro capítulo há uma entrevista na qual se define sua teoria política:

Cansei de sofrer. Na minha família havia muita gente de esquerda. Não o meu pai, que era politicamente anódino, um homem que não tinha abertura nem preocupações sociais.

Mas eu tinha tios muito cultos, que eram de esquerda, e muito cedo fui pelo mesmo caminho. Nunca cheguei a ser um ativista. Muitos jovens do Bom Fim foram presos. Não foi o meu caso, mas eu tinha uma cultura política muito grande.

Li Marx e, principalmente, Engels. O que mais me fascinava é que esses autores apresentavam um modelo para compreender o mundo que era absolutamente lógico e matemático.

Era uma coisa de dividir oprimidos e opressores, burguesia e proletariado, o mal e o bem.

Um país era o símbolo do bem, a União Soviética, e um país era o símbolo do mal, os Estados Unidos. Durante a minha juventude, este esquema foi muito satisfatório, dava respostas absolutamente tranqüilizantes sobre o que tínhamos que pensar a respeito do mundo.

Mas isso desabou e, a partir daí, fui perdendo minhas convicções em termos de política e toda a minha geração sofreu esse desencanto. Não chega a ser um desencanto do mundo como falava Max Weber, mas é um desencanto em relação à capacidade da política resolver os problemas do mundo.

Por outro lado, fui compreendendo cada vez mais as pessoas, me preocupando muito com as coisas que fazem as pessoas sofrerem. Não digo que não deva haver militância política, digo que não sou uma pessoa para isso.

Compreender o ser humano é uma coisa importante, mesmo porque não temos outra alternativa.

A verdade é que os seres humanos são criaturas muito desamparadas que, eventualmente, se mostram capazes de coisas admiráveis.

Eu não sou pessimista em relação à espécie humana. Muitos escritores da minha geração discordam.

Não é o meu ponto de vista. E também não é o meu ponto de vista que a humanidade ou mesmo que o Brasil estejam perdidos.

Não é verdade.

Tenho a clara convicção de que, ao longo da minha vida, vi o mundo e o país melhorarem.

Essa visão, umbilicalmente humanista, irá se consolidar, como espécie de depoimento, na monumental obra *Direitos Humanos no cotidiano*.¹⁴ Moacyr Scliar analisa o artigo 15 (sobre direito à nacionalidade) da Carta da ONU, em um curto ensaio, afirmando:

Descendo de um grupo humano que durante séculos vagou de uma região para outra, de um país para outro, de um grupo humano que sofreu na carne o opróbrio de ser privado de uma nacionalidade; não é sem emoção que abordo esse tema.

E o abordo com a consciência de viver em um país que acolheu generosamente imigrantes de todas as partes do mundo, permitindo que aqui refizessem vidas destroçadas e que, desta forma, contribuíssem para o progresso da sociedade como um todo [...].

Nacionalidade não significa tão somente ter um passaporte, nem apenas preencher requisitos legais.

Há, na questão da nacionalidade, uma dimensão emocional, e até espiritual, que não pode ser ignorada.

Privada de sua nacionalidade, a pessoa tem prejudicada a sua integridade pessoal, a sua capacidade de se realizar como ser humano [...].

Que cada país se transforme, para cada pessoa, em uma nova Canaã, é o grande objetivo que a humanidade deve colocar nesse fim de milênio.»

A vertente ética e humanista, despida de partidarismo ou sectarismo, será, ainda mais uma vez, objeto de um depoimento no seu conto “O nascimento de um cidadão”, inserido em coletânea de textos jurídicos, políticos e sociológicos, intitulada *A história da cidadania*.¹⁵ Nesse conto, Moacyr afirma e reafirma seu compromisso com a humanidade e o homem, um compromisso – como diz – emocional e racional ao mesmo tempo.

Nesse conto, Moacyr conta a história de um operário que é despedido. Ganhava pouco, mas podia sustentar a mulher e o filho pequeno. Seu drama ocorre, entretanto, no âmbito familiar. A mulher fica desesperada com a situação; então ele sai perambulando à procura de um emprego. Já sabia o quanto difícil seria. Entre retornar para casa e assistir ao seu drama, prefere beber e acaba dormindo na rua. Isso se repete dia após dia, esquece o nome da mulher e o seu próprio. De repente, é atropelado.

Conta Moacyr Scliar:

Ali ficou imóvel, caído sobre o asfalto, as pessoas rodeando-o. Curiosamente não tinha dor; ao contrário, sentia-se leve, quase que como flutuando [...].

Alguém se inclinou sobre ele, um policial, e lhe perguntou:

– Como é que está, cidadão? Dá para aguentar, cidadão?

Isso ele não sabia. Nem tinha importância.

Agora ele sabia quem era. Era um cidadão. Não tinha nome, mas tinha um título: cidadão.

Ser cidadão era, para ele, o começo de tudo. Ou o fim de tudo. Seus olhos se fecharam. Mas seu rosto se abriu num sorriso.

O último sorriso do desconhecido, o primeiro sorriso do cidadão.

Como escritor e como médico sanitário, Moacyr adotou uma teoria política: o Humanismo. O homem que necessita de ficção e o doente que necessita do médico, a dupla face de uma vida dedicada ao ser humano. Nesse duplo olhar, Moacyr Scliar revela toda a sua herança judaico-ética, acrescida de uma visão humanitária, coroando aquilo que os humildes aldeões que imigraram em busca de uma vida digna imaginavam para seus filhos: eles seriam cidadãos.

Moacyr Scliar, conscientemente, manteve-se nesse caminho, visando cumprir um papel individual e social. Seu humanismo, conquanto independente e antissectário, não é

despido de emoções e compromissos. Mesmo que seus sonhos fossem utópicos, sua herança universal foi preservada em uma obra literária (e médica), cuja concretização tem um início não dimensionável no tempo, mas de resultados que tornam Moacyr Scliar mais do que um escritor e um médico – um cidadão.

¹ SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. Porto Alegre: L&PM, 1973.

² *A orelha de Van Gogh*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

³ *Max e os felinos*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

⁴ *A mulher que escreveu a bíblia*. São Paulo: Cia. de Bolso, 1999.

⁵ *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

⁶ *Os vendilhões do templo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

⁷ *Sonhos tropicais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

⁸ *A majestade do Xingu*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

⁹ *Eu vos abraço, milhões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

¹⁰ *Mês de cães danados*. Porto Alegre: L&PM, 1977.

¹¹ *Vozes do golpe - Mãe judia*, 1964. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

¹² *O Texto, ou: a Vida - Uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

¹³ Moacyr Scliar, *a escrita de um homem só*. Porto Alegre: IEL, 2006.

¹⁴ SCLIAR, Moacyr. Cidadania. *Direitos humanos no cotidiano*. Brasília: UNESCO; USP; Governo Federal, 2000.

¹⁵ SCLIAR, Moacyr. O nascimento de um cidadão. In: PISKY, Jayme (Org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.